

Depoimento da professora Maria Aparecida Contin



A infância

Foi uma infância maravilhosa. Meus pais e meus avós tinham uma fazenda, mas eu nunca morei na fazenda do papai ou na do vovô, sempre na cidade, mas em finais de semana, nós íamos à fazenda do vovô ou do papai junto com meus tios, e a professora Contin andava pelo pomar, eu subia muito em árvores, na goiabeira, no jambeiro, na jabuticabeira, na mangueira e andava muito a cavalo.

Tanto na infância como na adolescência, fui uma eximia cavaleira, porque eu adorava, eu tinha meu cavalo, o Rex; no tanque da fazenda do vovô, a gente nadava, então foi uma infância muito, muito sadia.

Logo que eu nasci até uns 11 anos, morei algum tempo no hotel do vovô, numa cidadezinha que é o centro do Estado de São Paulo, chamada Ribeirão Bonito, atualmente com 12 mil habitantes. Lá, estudei e fui uma criança que sempre convivi

muito com as outras crianças, eu sempre fui muito sociável, a professora Contin sempre gostou muito de gente, sempre.

Na escola, eu dei muito trabalho. Eu agradeço muito às minhas professoras do 1º, 2º, 3º e 4º ano, porque eu era uma criança muito viva, muito "perguntadeira", eu queria saber as coisas, mesmo para o papai e a mamãe devo ter dado muito trabalho, porque mamãe dizia: "é assim" e eu perguntava: "mamãe, não pode ser de outro jeito?"

Com os meus coleguinhas do primário, eu sempre percebi diferenças, culturais e econômicas. Eles tomavam a sopa da escola, que era paga, e eu adorava tomar sopa com eles. Eu morava naquela época no hotel do vovô, que tinha uma cozinheira, mas mesmo assim eu teimava em tomar a sopa, porque quem tomava a sopa eram os mais pobres da escola. Então, eu via meus coleguinhas que tinham a cor diferente da minha, as roupas diferentes da minha, os cadernos diferentes e nós nos dávamos muito bem. Foi assim que eu comecei a aprender sobre as diferenças sociais, já na infância.

Eu desejava que todas as crianças tivessem a infância que eu tive. Eu sempre tive a certeza de que era amada pelos meus pais e que era muito importante. Foi o melhor presente que recebi deles. Fui educada com muita responsabilidade, cuidado e respeito.

O magistério

Fiz o primário nessa cidadezinha e fiz magistério. Fui muito boa aluna, porque tive todas as condições, pais maravilhosos que dialogavam muito, se davam muito bem, como todo casal, tinham suas discussões, mas nada que pudesse afetar. Tenho um irmão três anos mais novo do que eu, com quem sempre me dei muito bem, e uma irmã adotiva. Fiz o magistério e fui durante três anos a melhor aluna do magistério. Saí do magistério em 1957 e o governo do Estado oferecia ao aluno ou aluna que se formasse em 1º lugar nos três anos do magistério, de presente, um cargo efetivo. Então eu, com 17 anos, saí com um emprego. Eu fui escolher cadeira na cidade de Mauá, Estado

de São Paulo, uma região completamente diferente, uma região totalmente fabril.

Precisei de autorização do juiz para ir para a sala de aula, fiquei na casa de parentes até completar 18 anos.

Quando pequena, eu coordenava, principalmente na escola, as brincadeiras. Nós tínhamos em casa bastante espaço e a gente brincava com outras crianças e eu era a professora, fazia teatrinho, era diretora e artista principal. Eu aprendi com meus pais a gostar de gente. Se me perguntam uma coisa de que eu gosto muito, eu gosto de gente: branco, negro, rico, pobre... gente, eu gosto de gente.

Então, minha mãe, sempre desejou ser professora, ela fez até o 4º ano, minha mãe amava estudar e eu tenho até hoje seus livros e cadernos, mas não teve condições, pois seus pais tinham 10 filhos, e ela percebeu essa queda da Contin para ensinar. E ela dizia: "minha filha, se você quiser você vai estudar"; o pai dizia: "vai estudar se ela quiser, se ela quiser ficar na fazenda, ela vai ficar na fazenda".

O pai nunca forçou a barra para estudar, se eu e meu irmão quiséssemos ficar na fazenda, teríamos ficado. Mas a mãe não, a mãe queria que eu e meu irmão estudássemos porque a vida na fazenda, mesmo sendo proprietários, não é brincadeira.

Meu pai se levantava às cinco e meia da manhã, levava marmitta, ficava o dia todo na roça e voltava às seis e meia da tarde. Então, minha mãe sabia que não era brincadeira, que era uma vida de trabalho árduo.

Fui aprendendo a gostar disso na infância, o quanto era importante a escola, eu sempre gostei muito dos meus professores; no magistério eu me dedicava muito, tanto no fundamental, que naquele tempo era da 1ª à 5ª série, fui descobrindo que era uma coisa importante estar à frente, ensinar e aprender ao mesmo tempo.

Devo confessar também que além de professora, desejei ser médica. São profissões que realmente exigem dedicação, tem

que interagir, e por que eu não tentei ser médica? Pela falta de capacidade intelectual. Eu fiz magistério, a parte de Física, Química e Matemática, mesmo fazendo cursinho, era muito além do que eu podia.

A Universidade de São Paulo e o Golpe Militar

Entrei na Universidade de São Paulo em 1960, escolhi o curso de letras clássicas – Português e Latim – entrei em 1º lugar, aluna de escola pública, caipira, ingênua, da maneira como fui educada.

De 1960 a 1964, estudei muito. Não fui a aluna brilhante do magistério, saí só em 1965, porque fiquei em dependência de grego.

Tive grandes professores: Antônio Candido, Soares Amora, Aderaldo Castelo. Com Soares Amora, durante as provas de literatura, você podia consultar o que quisesse, não tinha esse “barato” de ficar colando. Agora, para você tirar nota cinco com o Aderaldo Castelo, era muito difícil, estudávamos muito. Antônio Candido sempre dizia; “por favor, só venha a minha aula quem estiver interessado, marco presença para todo mundo”. Não cabia nenhum mosquito na sala de aula dele e, quando acabava, a gente queria que ele continuasse.

Eu pertencia à Juventude Universitária Católica, fui uma grande militante da JUC e sempre levei muito à sério o compromisso social da educação e aprendi muito com a Igreja.

Quando saí da faculdade, comecei a lecionar da 5ª série ao colegial. Lecionei de Diadema a Ribeirão Pires, por escolha. Em 1964, quando veio o golpe militar, eu estava no último ano. Em 1965 então, as coisas estavam muito claras: estávamos num regime ditatorial.

Eu tinha muitos colegas da Física, da Politécnica, da JUC que sentiram o peso do regime na faculdade. Eu estudei no campus da Maria Antônia, e somente o último ano eu fiz no campus da Cidade Universitária. E a gente tinha muitos encontros. E o clima em todas as dependências, em todas as sessões, os

textos, os professores, todos se sentiam absolutamente vigiados.

Quando houve a invasão da USP, a professora Contin estava na sala de grego. Então, nesse dia, quando a polícia invadiu a USP, nós escutamos um barulho. Eles entraram, nos socaram na parede e nos deram murros no estômago. Um colega meu foi parar no hospital com os testículos sangrando. Foi algo muito além do que o livro "Brasil nunca mais" mostrou.

A sala de aula e a trajetória política

A experiência da professora Contin na Rede Pública não é de Secretaria de Educação, é de sala de aula. Eu fiquei como professora da Rede Estadual.

Minha primeira escola foi em Mauá e eu amei meus aluninhos. Peguei um 1º ano. Alfabetizei crianças completamente diferentes de mim, da minha criação. Eram todas filhas de operários, de gente com bastante necessidade financeira, com um saber próprio e uma vivência bastante significativos.

Em Mauá foi meu batismo como educadora: eu ia à casa dos meus alunos, eu achava mágico aquele mundo, era muito diferente da minha realidade, e meus pais não eram ricos, eram trabalhadores, mas tinham uma vida confortável, era tudo regulado, mas nunca nos faltou nada.

Em 1965, conheci outros caminhos políticos contra a ditadura, com consciência plena. O tempo que eu não estava na escola, eu estava articulando, planejando ações e na rua contra a ditadura. E sempre procurando ser uma educadora de verdade, preparando aulas e avaliações. Como professora de Língua Portuguesa, em cada série eu dava de cinco a sete avaliações e ainda dava devolutivas aos alunos.

Como professora, tenho certeza de que fiz o que pude, sempre priorizando o trabalho coletivo nas escolas onde estive e fui por vários anos representante da APEOESP, escolhida pelo coletivo escolar.

Em todas as escolas pelas quais a professora Contin passou, tive muito progresso com meus alunos: tive aluno que entrou na Faculdade de Direito São Francisco e Medicina na USP.

Em 1979, a professora Contin foi para a Escola Estadual Marinha do Brasil, na Ponte Rasa, zona leste de São Paulo. Sou muito devedora à escola e ao bairro; foram cinco anos de trabalho, de 1979 a 1984, fiz um trabalho excelente com os alunos de uma favela naquela região, fazíamos festas, mutirões e todas as mães participavam de tudo.

Nessa época, começamos a fundar o Partido dos Trabalhadores lá na Ponte Rasa. Eu frequentava a igreja do bairro onde morava, no Jardim São Carlos, próximo à Ponte Rasa, para poder me aproximar da comunidade, participava do Conselho da Comunidade e em plena ditadura militar, realizávamos eleições para o Conselho.

A professora Contin pertenceu ao Centro de Defesa dos Direitos Humanos de São Miguel Paulista, onde fazíamos um trabalho com os companheiros posseiros do Bairro dos Pimentas, em Guarulhos, e foi lá que conheci o ex-prefeito Elói Pietá, que na época tinha acabado de se formar em Direito e defendia a causa desses posseiros.

Depois, me mudei para Mogi das Cruzes por sugestão da Deputada Federal Janete Pietá, que na época era dirigente Estadual do PT. Em Mogi, me aposentei em 1991, e depois disso fui convidada para trabalhar no laboratório de Ciências Humanas da USP, com a professora Dra Nídia Pontuschka. Lá, atuei como agente social, num grande projeto da USP e da Fundação Ford, em duas cidades: Espírito Santo do Turvo e Vera Cruz. Nessas cidades, desenvolvemos pesquisa sobre o Meio Ambiente, nas escolas, colégios, prefeitura.

Ginásio Vocacional

Em 1969, fomos convidadas a trabalhar no Ginásio Vocacional. Foi uma das maiores experiências educacionais do Estado de São Paulo. Era uma equipe selecionada para trabalhar lá, eram todos professores efetivos. Nessa época, eu tinha prestado o

concurso e me efetivei. Os professores trabalhavam em conjunto: contávamos com uma equipe com um professor de cada área do conhecimento, um coordenador pedagógico, um coordenador administrativo. Os pais realmente participavam da vida da escola. Com os alunos, fazíamos assembleias para definirmos os temas a serem estudados. Os aluninhos da 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries todos no pátio reunidos para discutirem o que iam aprender no ano.

Estávamos no Vocacional de São Caetano do Sul, uma região exclusivamente operária, como ainda hoje é. E os professores, pais e alunos eram chamados a participar em conselhos comunitários e, naquela época, nós já fazíamos a ficha descritiva de cada aluno e discutíamos a aprendizagem cognitiva, os saberes atitudinais, comportamentais e de conhecimento. Discutíamos com o aluno o que registrávamos na ficha. Foi muito produtivo, fiquei lá por três anos.

O Ginásio Vocacional de São Caetano foi a última unidade a ser fechada. Era um sistema de ensino em que o aluno não aprendia apenas, ele participava de sua aprendizagem e dali entrava direto na USP, sem cursinho.

Em Guarulhos

Fui convidada para vir para Guarulhos em 2001 pela professora Neide Marcondes Garcia, que já me conhecia do trabalho em sala de aula na Rede Estadual, na zona leste da capital.

Naquela época, a professora Eneide era a Secretária de Educação e a professora Lindabel era dirigente do DOEP. Fizemos uma entrevista comigo de quase 3 horas, elas precisavam saber da minha competência técnica, das minhas ideias sobre sociedade, mundo, educação.

Quando chegamos em Guarulhos, não haviam documentos e registros do trabalho pedagógico. Começamos do começo, colocando aquilo que acreditávamos, tanto na Educação Infantil como no Ensino Fundamental, delineando aos poucos as diretrizes, princípios e concepções. Foi necessário contratar uma assessoria para a Educação Infantil, para o Ensino Fundamental

e para a EJA, que se reuniam semanalmente para traçar os objetivos do trabalho pedagógico, a fim de realizar aquilo que sempre sonhamos em educação.

Papel do educador e o Feminino na Educação

Se verificarmos na História da Educação houve sucessivamente na nossa historia cultural uma evolução muito grande no papel do educador. Acredito que na contemporaneidade tenha havido uma grande desvalorização e despolarização do papel social do educador.

É o que também o educador Miguel Arroyo reflete no seu livro 'Imagens Quebradas', acredito que seja fundante resgatarmos o papel do educador na sociedade.

Fortalecendo seu papel como mediador do processo ensino aprendizagem, a partir de todas as dimensões humanas [emocional, física, social e relacional].

Há, portanto, uma diferença quando falamos do feminino na educação.

Tenho lutado por toda a vida por direitos sociais iguais entre homens e mulheres, considerando que somos diferentes.

Ser homem e ser mulher é algo que vai se constituindo culturalmente, ou seja, não está apenas atrelado à questão da sensibilidade, mas à maneira de ver o mundo, nas diferentes maneiras cores e lentes que cada um tem.

A importância da mulher na educação é fundante no ato de educar, por conta de como ela vê o mundo, e sinto falta de mais homens atuando, por conta da complementaridade de visões que podem ser fortalecidas a partir da diversidade de gênero.

Esses diferentes olhares da mulher revelam, inclusive toda sua luta para atingir os direitos sociais que potencializam o seu papel como educadora.

Posso citar grandes mulheres e educadoras Gabriela Mistral pela importância no que se refere à temática da educação em sua obra, Nise da Silveira, Marilena Chauí, Nídia Pontuschka, Adélia Prado, Marina Colassanti, Ruth Rocha, Zamba, mulher de zumbi, Mary Del Priori, Magda Soares, Emilia Ferreiro, a ex presidenta do Chile Michelle Bachelet, Ruth Cardoso, nossa presidenta Dilma Roussef e muitas outras mulheres ligadas à educação em diferentes áreas do conhecimento.

Mensagem aos educadores e aos colegas de trabalho

Só tenho que agradecer muitíssimo a todas as pessoas que me permitiram vir trabalhar aqui desde a 1ª gestão até a atual.

Aprendi e ensinei muito, porque não há aprendizagem sem 'ensinagem' e vice e versa. Agradeço a todos os educadores da nossa Rede Municipal, aos Diretores, Vice-Diretores, Coordenadores Pedagógicos e Professores e a todos os profissionais envolvidos neste processo; as cozinheiras, aos funcionários da limpeza da Proguaru, a todas as pessoas da SE, de todos os Departamentos, em especial ao DOEP, onde trabalhei por mais de 10 anos, ao Gabinete e à Supervisão Escolar, onde encerro este ciclo.

Agradeço e sinto muito orgulho por ter colaborado na construção das nossas diretrizes e concepções que embasam nosso Projeto Político-Pedagógico.

Sei que cometi equívocos, mas que a vida se encarregue de consertá-los. Não carrego culpas, só responsabilidades!

Tenho a certeza de que toda a Rede vai continuar trabalhando, com o as atenções voltadas para o aluno e pelo seu direito a uma educação com qualidade social. Que aprenda muito e conheça seus direitos, que saiba de seus deveres e que seja ele, quem for, possa ser feliz, pois nós nascemos para a felicidade.

Como projetos futuros, quero viajar, fazer leitura de poemas e livros como de Cecília Meireles e Marina Colasanti, e, também, me dedicar a trabalhos voluntários, como o que realizo como

psicodramatista em um grupo de mulheres na Vila Cisper, na Zona leste de São Paulo.

Saio daqui com toda a alegria e felicidade, desejo que cada um se entregue cada vez mais a este trabalho, e que esta cidade possa realmente vir a ser plenamente uma cidade educadora.

Vou sentir muita saudade de todos.